



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

“A SAÍDA DO POVO DAQUI POR ESSA TAL DE BARRAGEM”: MEMÓRIA E CORDEL NA LUTA DOS BERADEROS NO SUBMÉDIO DO RIO SÃO FRANCISCO

Caroline Tomaz Silva

1. Caroline Tomaz Silva PROBIC, Graduada em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: carolainetomaz@hotmail.com
2. Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: clovisramaiana@gmail.com
3. Participante do projeto Um Rio de Lutas: História e memória dos movimentos sociais no Submédio São Francisco (1968-1994), Departamento de Ciências Humanas e filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

PALAVRAS-CHAVE: cordéis; memória; luta.

INTRODUÇÃO

O palco que guarda as trajetórias históricas que foram investigadas é o Submédio do São Francisco, região onde o curso do rio divide os estados da Bahia e de Pernambuco. É a partir da década de 1950, segundo Eurelino Coelho (2014), que essa região serviu de cenário para uma série de consequentes mobilizações e enfrentamentos por grupos que tiveram seus modos de fazer, viver e configurar suas existências ameaçados, atingidos e destituídos por medidas tomadas a contragosto pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF). Tais determinações sobre os *beraderos* foram capazes de remodelar as maneiras quais as vivências se caracterizavam nos aspectos econômicos, sociais e culturais. Portanto, o trabalho analisa partir das narrativas de sujeitos historicamente silenciados e acessa por meio dos cordéis e relatos orais a maneira que eles teciam suas vidas através dos elementos de saudade, a forma qual se organizavam pelo território e também suas inquietações, reinvidicações, resistências e apropriações diante da nova realidade que batia em suas casas junto com as águas represadas. A fundamentação do trabalho baseia-se em compreender a partir da narrativa do povo expropriado nos cordéis os elementos de saudade, resistências, apropriações, modos de fazer, lutas e outros elementos associados ao modo de viver ribeirinho.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A nossa metodologia se baseou, fundamentalmente, na análise da literatura de cordel do povo ribeirinho numa perspectiva micro-histórica. Ainda que as fontes analisadas não tenham se constituído de forma homogênea devido a algumas lacunas documentais para os diversos anos que compõem as narrativas de resistência(1968-1994), a abordagem metodológica buscou analisa-las em seu conjunto buscando elementos de experiências, apropriação, permanências e resistências ao longo do período. Foram analisados através dos cordéis e entrevistas orais levando consideração os aspectos dos envolvidos, assim como as representações que foram elaboradas no interior de cada cordel e das entrevistas transcritas em torno dos acontecimentos narrados.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Diante do cenário nacional com planejamentos progressistas e desenvolvimentistas muito agudos tendo por objetivo a alteração do espaço nordestino pelo governo a constituição de discursos torna-se mecanismo para que pudessem substituir a história vigente. O cunho característico de crescimento e prosperidade é efetivamente propagandístico divulgado por meio de narrativas produzidas pela CHESF através de filmes, cartilhas e jornais que pretendem destacar as benfeitorias que a chegada da hidrelétrica propiciaria ao povo ribeirinho. No decorrer do trabalho a análise fílmica de *CHESF - Companhia Hidrelétrica do São Francisco - Paulo Afonso* tornou-se de fundamental importância para compreender a construção de uma narrativa nacional. Todo esse processo está imbuído na lógica capitalista, desenvolvimentista e industrialização destinado à região nordestina. O sertão, portanto, aparece como espaço de disputa, disputa territorial e também narrativa, como propõe Michel Certau (2008), a polilinguista nas descrições dos lugares, no território trava a disputa da meta-linguagem diferenciando as definições de lugares e de espaços entre o povo ribeirinho e os sujeitos “modernizadores”.

Toda essa discussão entra na significação com o papel do povo ribeirinho nas suas trajetórias individuais e coletivas relatadas nos cordéis. “O espaço é feito pelas operações que orientam, o circunstanciam, temporalizam, levando a proximidades e conflitos” (2008), “o espaço é existencial e a existência é espacial”, as vivências espaciais, portanto são distintas e por vezes conflituosas. A interferência da Companhia acontece não somente na alteração da paisagem e das vidas, mas do próprio sentido atribuído a Paulo Afonso, ao Nordeste e por fim, à vida dos sobreviventes. É por meio de tais discursos que se percebe o traço ideológico do governo, a historicidade das narrativas e sob quais mecanismos são utilizados como recurso progressista e desenvolvimentista a fim de tentar o convencimento da população das transformações propostas, sendo assim, é por meio dessas narrativas se constitui a tentativa de conquista espacial. A construção das usinas provocou alterações no espaço e no modo de vida dos habitantes daquela região. Por consequência, emergem resistências, conflitos sociais, táticas de sobrevivência das comunidades e dos costumes ribeirinhos, ameaçados e atingidos pelas modificações propostas e instituídas pelo Estado através dos seus muitos dispositivos. Táticas de resistência desses indivíduos expropriados aparecem sob diversas formas na região de Paulo Afonso. A memória é recurso recorrente para (re)significação da vida, modos de viver e de estruturar as próprias experiências. Algumas dessas táticas são apresentadas através da literatura, ao qual muitos sujeitos utilizavam da musicalidade, oralidade e do ritmo para produzir, canções, rimas e no caso das fontes analisadas a literatura de cordel, marcada pela memória de muitos repentistas. É através dos cordéis que aparece como forma de guardar, manter tradições, mas principalmente como forma de resistência, de indignação e insatisfação com a alteração das dinâmicas das vidas do povo atingido por barragem e funciona também como contra narrativa.

Diante disso a significação contida nos cordéis, as representações sobre as práticas dos ribeirinhos do rio São Francisco que tiveram sua paisagem e seus meios produtivos ameaçados pelas barragens da CHESF são dispositivos necessários para entendimento dos cordéis como elementos de resistência. As representações sobre os modos de vida, os sentidos enunciados pelos sujeitos que capturam, nos versos, as

tentativas de leitura e significação do processo de expropriação. Os modos de configurar suas existências e experiências aparecem nos versos sob forma de saudosismo, melancolia, de uma história apagada ou ainda em apagamento.

O cordéis aparecem nesse sentido com o propósito dos sujeitos de guardar suas tradições, práticas e enfim, suas histórias. Resgatar o passado passa a ser uma das únicas formas de manter as próprias identidades, buscando nas minúcias mais simples da vida cotidiana os sentidos anteriores de sua existência e como, e sob quais aspectos tudo foi alterado. A oralidade repercute valorizando a necessidade e importância da voz popular, na quais a movimentação popular de resistência aparecem como fundamentais. Apesar de terem a elaboração da vida interrompida pela interferência da Companhia, o povo resgata como forma de sobrevivência o contraste entre o novo e o velho, antes da vida cotidiana e as dores do presente. O povo atingido pela instalação das barragens mostra-se a partir dos cordéis e da oralidade como agentes da sua própria história, não se sujeitando ao planejamento nacional pacificamente, mas reiterando sempre nas lutas, junto ao movimento social destacando a necessidade e importância da articulação popular para não serem mortos, esquecidos e/ou apagados por outras formas de viver e pelo discurso deslegitimador de suas histórias. É, portanto pelo tracejar das composições sócias culturais dos grupos subalternizados em verso e oralidade com a memória sempre presente nos cordéis que dá forma, elabora imagens, desenha um cenário que autoriza à atribuição de significados e valores as configurações sociais e culturais dos ribeirinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

As reflexões que feitas a partir da bibliografia e das fontes permitem inferir que se por um lado o recurso fílmico serve-se da construção da narrativa como discurso progressista e desenvolvimentista produzido pela CHESF, ao qual elencando somente as possíveis vantagens propiciadas pela construção da barragem, num processo massivo de apagamento das vivências ribeirinhas, do outro lado fica claro que é através dos cordéis que o povo diverge, entoa e enuncia suas discordâncias para com a Companhia. É por meio dessa literatura que se busca a manutenção da vida, da identidade, num processo constante contra o apagamento do seu lugar, das suas culturas, dos modos de fazer.

O povo se apropria da literatura como forma de manifestação, quando não aparece escrevendo-as, está na leitura do dia a dia, no deleite, e é por meio delas também que se usa como método/ferramenta de união popular, é o ponto de unificação atravessado todo o tempo pela memória. Sendo assim, embora a narrativa da CHESF elenque as suas benfeitorias, é por meio do discurso do povo diretamente atingido que se deve buscar ouvir e compreender, aqueles que tiveram seus modos de fazer alterados, seus lugares apagados, conhecimentos desconsiderados, culturas subalternizadas pelo afoamento das águas do Rio São Francisco. Os sujeitos recorrem por meio de símbolos trazer suas representações no papel pardo, nas rimas, no ritmo, o seu antes, agora e o depois, trazendo por intermédio da oralidade também o vocabulário sertanejo relatando o passado recente, o presente e tentando vislumbrar, e (sobre)viver, ao futuro. É na historicidade desses sujeitos, ativos, e jamais passivos no processo de expropriação e ataque ao projeto governamental, que buscam ativamente seus desejos, ideais e necessidades que a história deve se atentar, não os transformando em heróis, mas desmistificando as narrativas nacionais amplificadas na história nacional.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez; Recife: Editora Massaganha, 1996

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COELHO, Eurelino. **Um Rio de Lutas: história e memória dos movimentos sociais no Submédio do São Francisco (1968-1994)**. Universidade Estadual de Feira de Santana (Projeto de Pesquisa). Feira de Santana, 2014.

ESTRELA, Ely Souza. **Um Rio de Memórias: o modos vivendi dos beraderos sanfranciscanos antes da represa de Sobradinho (Bahia)**. História & Perspectivas, Uberlândia (41): 115-139, jul.dez.2009.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião. SUDENE, Nordeste, Planejamento e conflitos de classe**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PEREGRINO, Umberto. **Literatura de cordel em discussão**. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1984.

SIGAUD, Lygia. **O efeito das tecnologias sobre as comunidades rurais: o caso das grandes barragens**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 7. n. 18, Rio de Janeiro, fev. 1992. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=219:rbc18&catid=69:rbc&Itemid=399

Filme: Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=ICEcP9GBYAA>; Último acesso em: 21/07/2019.